MEISTUDIES Media Ecology and Image Studies

Decolonizando o olhar sobre a arte e o artesanato Guarani



Profa. Dra. Marina Jugue Chinem

Universidade Metodista de São Paulo

BRASIL – SBC - SP

Decolonizando o olhar sobre a arte e o artesanato Guarani

Estratégias de comunicação comunitária e codesrign decolonial para a comercialização ética e a preservação cosmovisual da Aldeia Guyrapaju.

Marina Jugue Chinem | Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)



Uma intervenção estrutural para a soberania econômica e cultural

O Contexto (Aldeia Guyrapaju):
Comunidade Guarani buscando viabilidade econômica sem comprometer a ancestralidade.



A Ação (Projeto Xaryi):
Pesquisa-ação participativa focada na criação de marca própria e letramento digital.

O Resultado (Soberania):
Aumento de 10% nas vendas diretas, erradicação de intermediários e gestão digital autônoma.

O paradoxo territorial: proteção ambiental versus isolamento econômico



A colonialidade do poder mercantiliza e invisibiliza a arte originária







A Visão Guarani

O artesanato é a perpetuação do modo de ser, unindo manejo sustentável da floresta, tempo ancestral e profunda densidade cosmológica.







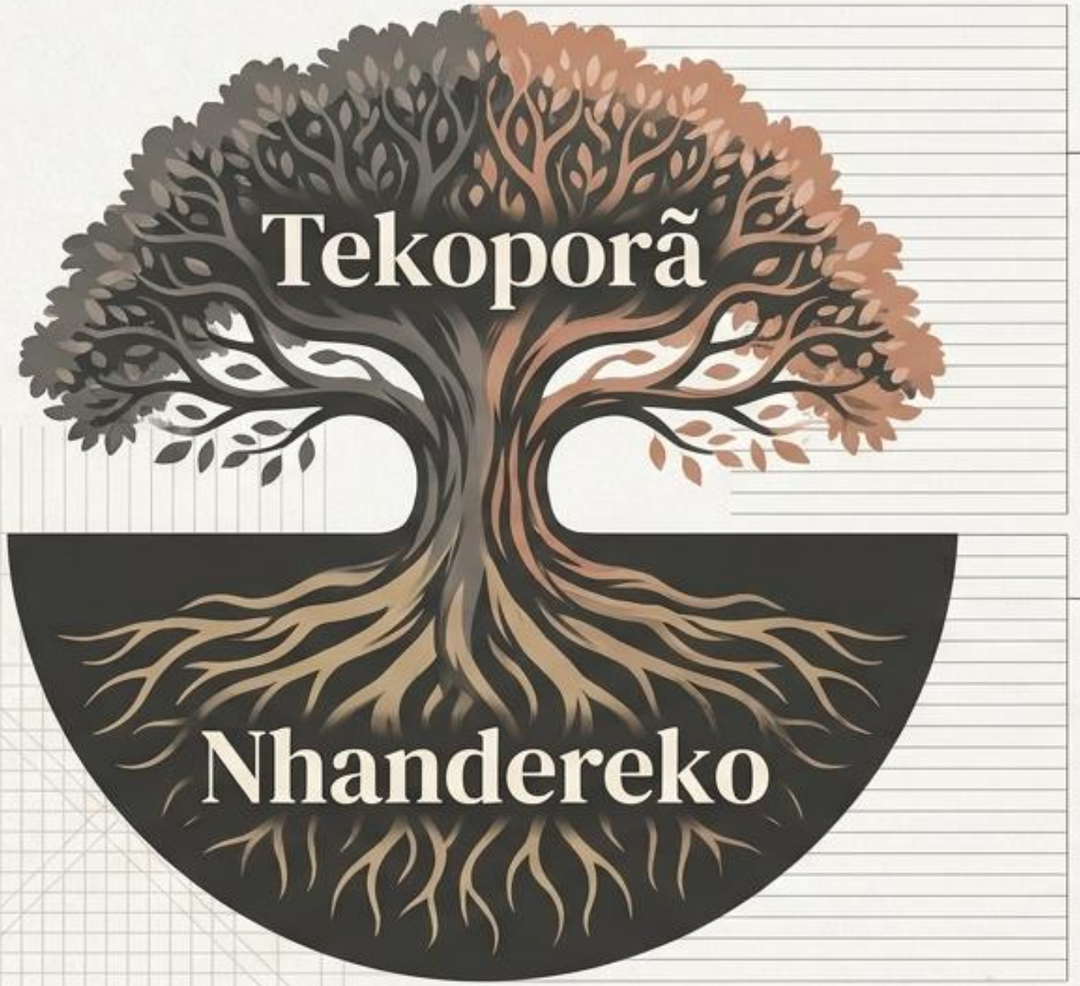
A Distorção Eurocêntrica

O mercado metropolitano impõe o apagamento histórico. O patrimônio é reduzido a crendice, mercantilizado como souvenir rústico genérico e escoado por atravessadores que sugam o lucro.

O objeto artesanal transita entre a mercadoria genérica e o patrimônio vivo

Dimensão de Análise	Lógica de Mercado Eurocêntrica	Abordagem de Codesign Decolonial
Natureza do Objeto	Mercadoria rápida e souvenir exótico	Patrimônio cosmológico, espiritual e vivo
Autoria	Produção anônima, massificada e folclorizada	Identidade documentada e biografia do artesão
Tempo e Produção	Foco na velocidade de entrega e padronização	Respeito ao ciclo da floresta e à feitura meticulosa
Circulação	Dependência absoluta de atravessadores urbanos	Comércio justo, venda direta e autonomia digital

A sustentabilidade econômica deve nutrir o equilíbrio cosmológico



A Raiz (Nhandereko): O modo de ser.

Representa a espiritualidade, a memória coletiva e a ancestralidade ativadas durante a coleta respeitosa da semente, do bambu e da madeira na Mata Atlântica.

A Copa (Tekoporã): O bem-viver.

A harmonia social e ecológica sustentada na aldeia. A geração de renda ética através da arte serve exclusivamente para nutrir e perpetuar este bem-viver, não para o acúmulo capitalista.

O Projeto XARYI nasce como instrumento de ruptura e autoafirmação

Origem do Nome: Escolhido soberanamente pela aldeia em homenagem à matriarca (a avó), encarnando a memória coletiva.



Metodologia: Pesquisa-ação participativa. Comunidade e universidade atuando em estrita horizontalidade.

Ética: Operação baseada em protocolos rigorosos de consentimento livre, prévio e informado.

Um percurso metodológico para a apropriação tecnológica e narrativa



1. Codesign e Cartografia Social: Escuta ativa e mapeamento participativo. A comunidade define coletivamente como deseja ser vista, desconstruindo estereótipos coloniais.



2. Identidade e Letramento Digital: Criação colaborativa de embalagens, etiquetas e letramento fotográfico. O smartphone nas mãos dos 24 adultos como ferramenta de design social.



3. Vendas e Gestão Autônoma: Lançamento de catálogos e perfis sociais. Monitoramento contínuo para garantir soberania sobre a precificação e a narrativa.

A decolonização visual eleva o valor percebido e resgata a ancestralidade

Etiqueta Personalizada: Substitui o código de barras impessoal por uma narrativa densa sobre o tempo da floresta e a feitura manual.

Marca Registrada (Xaryi): Certifica a procedência originária, atestando que a peça não é fruto de pirataria ou apropriação cultural.



Descritivo Cosmológico: Explica o significado espiritual e a história da peça, convertendo o item de um enfeite para um patrimônio vivo colecionável.

A comunicação comunitária devolve o protagonismo aos rostos apagados



O Fim do Anonimato: O mercado hegemônico impõe uma despersonalização violenta (o índio genérico).

Apropriação Tecnológica: Sob a luz das teorias de Munduruku e Peruzzo, os próprios artesãos capturam as imagens e redigem suas biografias.

Conexão Humana: Inserir rostos, nomes e trajetórias legitima a autoria individual e reconstrói o vínculo ético e horizontal entre produtor e consumidor consciente.

A soberania econômica tangível fortalece a defesa do território

+10%

Aumento no Lucro: Crescimento imediato nas vendas diretas e na margem de lucro retida diretamente pelas famílias da aldeia.

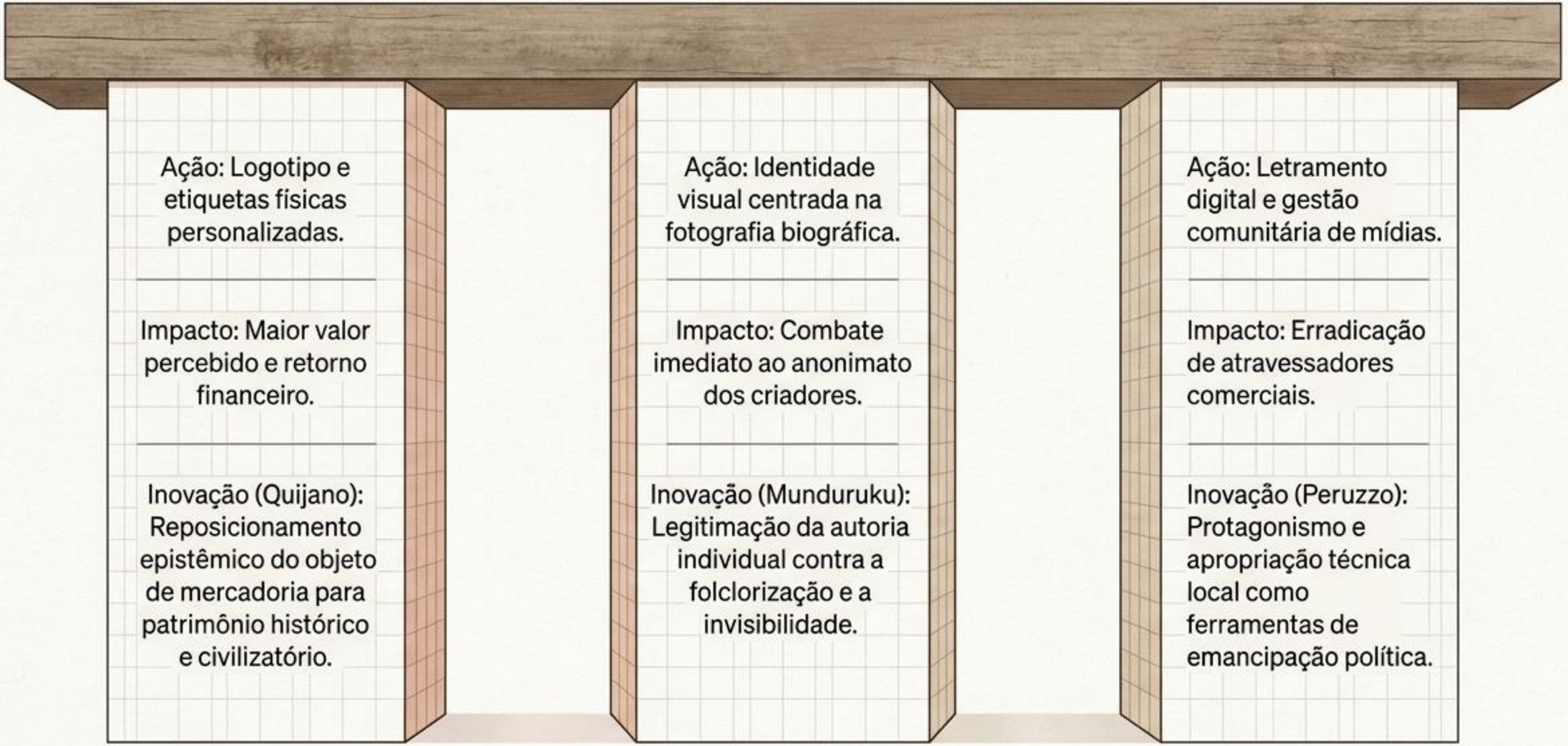
Zero

Intermediários: Superação absoluta absoluta da dependência histórica de atravessadores predatórios. Precificação totalmente autônoma.

100%

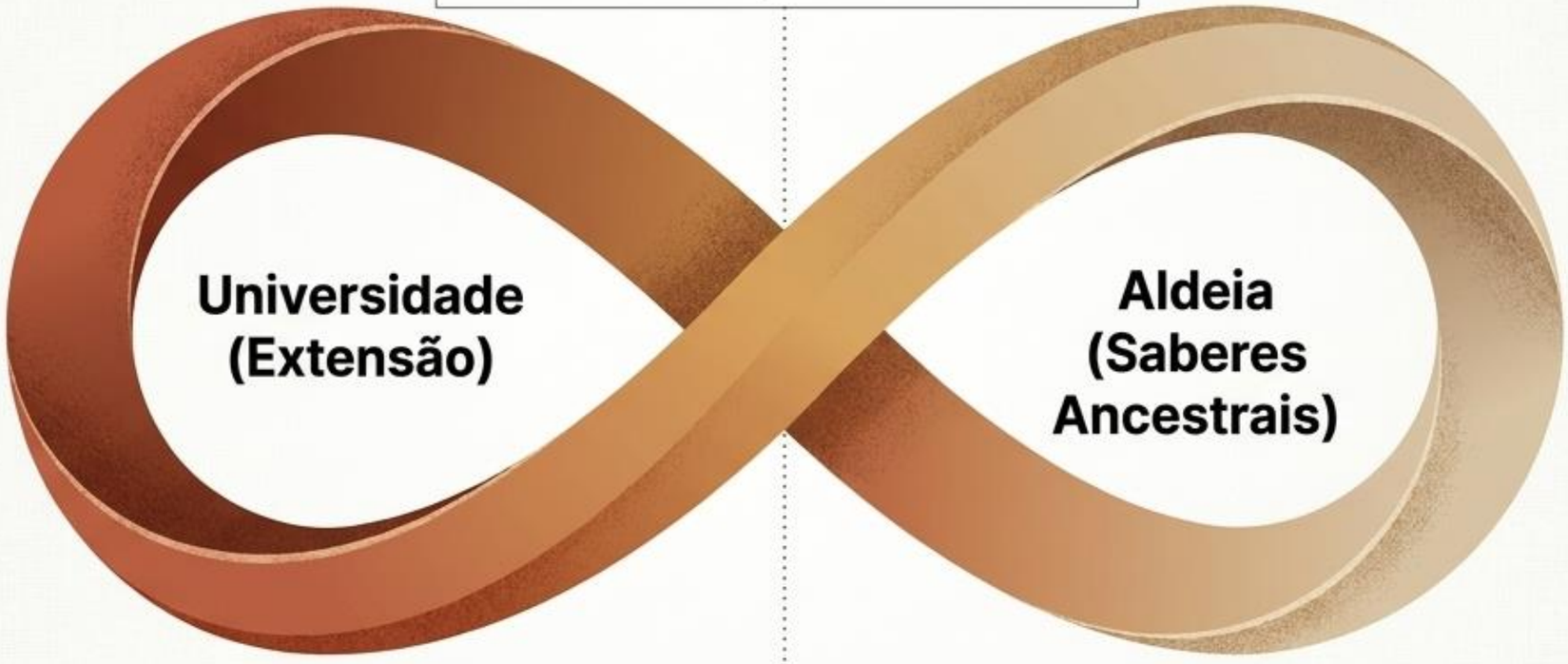
Controle Digital: Gestão soberana dos catálogos digitais e redes sociais assumida integralmente pelos 24 adultos da comunidade.

Matriz de Inovações: Da prática de mercado à ruptura teórica



Uma verdadeira ecologia de saberes em via de mão dupla

Justiça Epistêmica (Santos): O projeto rejeita o salvacionismo e o extrativismo acadêmico. A extensão universitária não apenas ensina, mas é transformada pela comunidade.



Reciprocidade: A aldeia conquista ferramentas para a sua autonomia econômica digital; em troca, estudantes e pesquisadores vivenciam uma imersão profunda em ética coletiva, sensibilidade humana e teorias vivas descolonizadoras.

O design como ferramenta viva de emancipação socioterritorial

> A decolonização das práticas de design e comunicação não é um exercício acadêmico abstrato, mas uma defesa intransigente da vida indígena contemporânea.

Replicabilidade e Futuro

O design não precisa servir passivamente à padronização capitalista excludente.

O Projeto Xaryi comprova que a reconciliação entre a criação ancestral milenar e a sustentabilidade econômica urbana é estruturalmente viável.

Metodologias de *codesign* baseadas na escuta ativa podem ser replicadas para proteger outras comunidades originárias da predação metropolitana.

Fundações teóricas e reconhecimento territorial

Agradecimento profundo à Aldeia Guarani Guyrapaju, às suas lideranças espirituais (ñanderu e ñandesy) e aos 43 moradores que conduzem a resistência e a manutenção do Tekoporã na metrópole paulista.

Referências Centrais:

Benites, S. (2015). A sabedoria dos antepassados e o Nhandereko.

Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). A queda do céu e a cosmologia indígena.

Mignolo, W. D., & Quijano, A. A decolonialidade e a crítica ao eurocentrismo.

Peruzzo, C. M. K. Comunicação comunitária e popular.

Santos, B. de S. (2019). Epistemologias do Sul e a ecologia de saberes.

Werá, K. & Munduruku, D. A história e a autorrepresentação dos povos originários.

Declaração de Integridade: Projeto conduzido sob estritos protocolos de consentimento livre, prévio e esclarecido.